CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO de JOVENS e ADULTOS

HISTÓRIA

Ensino Fundamental II

Cleyton Gomes de Souza, Paulo Henrique Silva Pacheco e Vera Lúcia Pedra Clímaco Mendes

Fascículo 6

Unidades 14, 15 e 16

Fundação CECIERJ
Consórcio cederj

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Leonardo Rodrigues

Secretário de Estado de Educação
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Elaboração de Conteúdo
Cleyton Gomes de Souza
Paulo Henrique Silva Pacheco
Vera Lúcia Pedra Clímaco Mendes

Revisão de Conteúdo
Saulo Cezar Guimarães de Farias

Diretoria de Material Didático
Bruno José Peixoto

Coordenação de Design Instrucional
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Revisão de Língua Portuguesa
Licia Matos

Diretoria de Material Impresso
Ulisses Schnaider

Projeto Gráfico
Núbia Roma

Ilustração
Fernando Romeiro

Programação Visual
Camille Moraes
Larissa Averbug

Capa
Fernando Romeiro

Produção Gráfica
Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2019 Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e/ou gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

H673

História : Ensino Fundamental II / Cleyton Gomes de Souza ... [et. al.]. – Rio de Janeiro : Fundação Cecierj, 2018.

46p. ; 21 x 28 cm - (CEJA - Centro de Educação de Jovens e adultos).

Nota: Fascículo 6. Unidades 14, 15 e 16
ISBN: 978-85-458-0162-7

1. História. 2. História do Brasil. 3. Brasil Imperial. I. Souza, Cleyton Gomes de. II. Pacheco, Paulo Henrique Silva. III. Farias, Saulo Cezar Guimarães de. IV. Mendes, Vera Lúcia Pedra Clímaco. V. Título. VII. Série.

CDD: 981.04

Referências bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sumário

Unidade 14 **5**

Autonomia e liberdade: uma conquista das Américas?

Unidade 15 **17**

O Brasil imperial

Unidade 16 **33**

Industrialização e imperialismo

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço: http://cejarj.cecierj.edu.br/ava

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos “nome de usuário” e “senha”.

Feito isso, clique no botão “Acesso”. Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

CEJA >>
CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

Autonomia e liberdade: uma conquista das Américas?

História - Fascículo 6 - Unidade 14

Objetivos de aprendizagem

1. Explicar o processo de independência da América espanhola.
2. Reconhecer os limites da independência alcançada pelos países da América espanhola e as contradições do período colonial.
3. Explicar os interesses envolvidos no processo de independência do Brasil.
4. Explicar a ascensão de Napoleão ao poder na França.
5. Enumerar as causas que levaram uma parte do país a se revoltar (Confederação do Equador).

Para início de conversa...

Em maio de 2017, diversos movimentos sociais se reuniram nos estados brasileiros. No Rio de Janeiro, estiveram juntos movimentos populares, sindicais e organizações não governamentais (ONGs), como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), movimentos que defendem os índios, as mulheres e os negros, e também o movimento estudantil. Todos tinham em comum o objetivo de reivindicar mudanças políticas no país, sendo esse um tipo de manifestação que só acontece em territórios independentes.

O século XIX foi, para as Américas espanhola e portuguesa, um período de grandes manifestações, todas em busca da autonomia política e econômica do território. No entanto, nas reivindicações prevaleceram os interesses das classes dominantes, não atendendo às necessidades das classes populares.

Nesta unidade, você estudará como as manifestações políticas contribuíram no processo de independência dos países da América do Sul e os seus limites, assim como conhecerá os interesses envolvidos na independência do Brasil e entenderá uma das reações contrárias à nova situação do país, a Confederação do Equador.

1. Ideias e movimentos revolucionam a América

Você já deve ter ouvido a frase "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come". No geral, ela é usada quando alguém está indeciso, mas sabe que qualquer decisão que venha a tomar não resolverá o problema. Pois bem, essa era a situação de Portugal no início do século XIX.

Napoleão Bonaparte governou a França de 1799 a 1815. Seu maior interesse era expandir o território e fortalecer o crescimento econômico-militar francês. A Inglaterra, por lutar contra a expansão napoleônica, passou a ser seu grande inimigo. Como uma espécie de contra-ataque, em 1806, a França tentou enfraquecer o poder da economia inglesa, impedindo que os países europeus recebessem em seus portos produtos da Inglaterra, ou seja, Napoleão bloqueou o continente.

O Bloqueio Continental deixou Portugal em maus lençóis, pois a economia portuguesa dependia da Inglaterra e a França exigia que os portugueses rompessem o vínculo com os ingleses. Nessa situação-limite, o príncipe regente português, D. João de Bragança, optou por ficar do lado dos ingleses. Como consequência, a força militar francesa, com apoio da Espanha (que já tinha sido ocupada pelas tropas napoleônicas), invadiu Portugal e a corte portuguesa foi transferida para o Rio de Janeiro em 1808.

Na Espanha, Napoleão destronou o rei e colocou seu irmão, José Bonaparte, como chefe do Estado espanhol, gerando uma fragilidade política. Esse foi um momento oportuno para as colônias espanholas, que, influenciadas pelos ideais da Revolução Francesa, começavam a defender a separação entre a colônia e a metrópole, além de direitos iguais para todos os americanos: povos indígenas, escravos africanos e trabalhadores livres.

Porém, não seria tão fácil. Uma parte do grupo dominante, **a elite criolla**, queria manter o sistema colonial, a outra queria romper com a metrópole, mas tinha medo de perder sua posição de prestígio e poder caso ocorresse alguma revolta. A liberdade que esses *criollos* pretendiam estava limitada a questões políticas e econômicas: eles almejavam apenas o término do exclusivismo comercial com a Espanha. Não pertencia a seus ideais fazer uma mudança social.

Criollo
Nome dado aos filhos dos espanhóis que nasceram na América.

2. Revoluções e independências. Mas e a liberdade?

Entre os anos de 1810 e 1814, ocorreram vários conflitos entre os colonos. Sem nenhum resultado definitivo, logo após a derrota de Napoleão, em 1815, a Coroa espanhola tentou retomar seu controle na América. Era uma tentativa da Espanha de recolonizar sua parte do continente americano, que só terminou em 1824. No entanto, os ingleses e norte-americanos não deixaram que isso acontecesse. A Inglaterra, com interesse de aumentar o número de compradores de seus produtos em função da Revolução Industrial, e os Estados Unidos, que a partir de 1823 passaram a defender o lema "América para os Americanos", apoiaram o plano de independência da elite criolla.

No México, entre 1810 e 1815, o padre criollo Miguel Hidalgo y Costilla e o padre mestiço José Maria Morelos y Pavón mobilizaram a população indígena e mestiça contra a elite dominante, mas ambos foram presos e mortos pelo governo espanhol. Apenas em 1821, mediante um acordo entre o representante da metrópole e o líder das forças emancipacionistas, a região se tornou independente, tendo na liderança um *criollo*.

Em 1824, o México de separou da América do Sul e formou as Províncias Unidas de Centro América, que eram divididas em vários estados republicanos. Nas capitanias da Venezuela, Chile e nas regiões que atualmente correspondem aos territórios do Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia ocorreram várias rebeliões, a partir de 1810. No entanto, os seguintes líderes se destacaram:

- San Martin: *criollo* nascido na Argentina. Ajudou no processo de independência do Chile, do Peru e da própria Argentina. Seu objetivo era criar Estados monárquicos independentes na América, cujos interesses deveriam partir da população.

- Simón Bolívar: *criollo* nascido na Venezuela. Comandou movimentos que se formaram no Equador, Colômbia, Bolívia, Peru e Panamá. Sua intenção era construir uma grande nação republicana, ou seja, que a América espanhola fosse transformada em um só país.

Figura 14.1: As independências na América Espanhola.

As intenções de Martin e Bolívar não se realizaram. Os diversos grupos sociais continuaram a depender política e economicamente dos *criollos*, não atingindo o ideal de liberdade planejado. A influência espanhola na América só acabou em 1898, com a independência de Cuba e Porto Rico, e o poder continuou a ser exercido por grupos dominantes que seguiram o modelo norte-americano, ou seja, a instituição de Estados republicanos. Algo bem diferente do Brasil, a América portuguesa.

3. E o Brasil busca sua autonomia...

Figura 14.2: *Bênção das bandeiras da Revolução de 1817*. Pintura de Antonio Parreiras sobre a Revolução Pernambucana.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:B%C3%AAn%C3%A7%C3%A3o_das_bandeiras_da_Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_1817.jpg

Figura 14.3: Manifestação popular em frente à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia, no dia 18 de maio de 2017. Fonte: Acervo particular.

Você saberia dizer o que as **Figuras 14.2** e **14.3** têm em comum?

Em épocas diferentes, as duas imagens mostram protestos populares que questionaram o poder político, com a diferença de que as manifestações de maio de 2017 reivindicaram a garantia dos direitos da população e se opuseram às medidas que não favoreciam a classe trabalhadora. Há duzentos anos, o povo lutou pelo fim do domínio português sobre a sociedade brasileira. Se a manifestação popular de 2017 (**Figura 14.3**) representa a expressão de um povo em um território independente, a Revolução Pernambucana (**Figura 14.2**) foi um dos marcos para a conquista da **autonomia** política e econômica, contribuindo para o processo de independência do Brasil. É isso que vamos estudar agora.

Autonomia
Capacidade de se autogovernar, ter soberania ou vontade própria.

A independência do Brasil é um dos fatos históricos mais importantes de nosso país, pois fez com que o território brasileiro deixasse de ser colônia de Portugal. Muitas tentativas anteriores ocorreram e foram violentamente controladas. A mais conhecida foi a Conjuração Mineira (1789), que desejava o fim dos impostos sobre a mineração, a proclamação de uma república em Minas Gerais separada do restante da colônia, a criação de uma universidade em Vila Rica e a construção de

indústrias. Seu fim se deu com a prisão dos líderes e o enforcamento de Tiradentes pela Coroa Portuguesa. Outro caso foi a Conjuração Baiana (1798); diferente dos mineiros, que lutaram por um governo republicano regional, os baianos reivindicavam uma república democrática livre de Portugal, o fim da escravidão e a liberdade comercial. Seus líderes também foram presos e alguns **degredados**, causando o fim da revolta.

Degredado
Revoltoso que tinha como pena a obrigação de deixar o país.

Esse foi o quadro que a família real encontrou quando chegou no Brasil, em 1808. O príncipe regente, D. João, teve um grande desafio: manter a unidade territorial. O que isso significa? D. João tinha que evitar a divisão da América portuguesa em vários países. Para isso, tomou como objetivo centralizar a administração colonial no Rio de Janeiro e tornar a colônia um império americano, o que despertou o interesse de comerciantes, funcionários e grandes proprietários para a permanência da família real.

O príncipe regente precisava agradar os diversos grupos sociais para garantir que o território não se dividisse. Uma vez que a colônia só poderia manter transações comerciais com a metrópole, a primeira estratégia foi estabelecer relações econômicas com outras nações a partir da abertura dos portos. O Brasil passou a fazer comércio com vários países, sendo a Inglaterra o mais privilegiado. Por ter garantido a saída segura da corte para a América portuguesa, os ingleses pagavam os impostos mais baixos.

O Rio de Janeiro passou a ser reconstruído para se tornar uma capital. Foi criados vários espaços de valorização da cidade, como uma biblioteca pública, a Academia Brasileira de Belas Artes, o Jardim Botânico, a Academia Real de Marinha e a Academia Real Militar, além de diversas estradas. Aumentou-se também a importação de tecidos, louças, vidros e cristais ingleses.

Em 1815, o Brasil já não era mais uma colônia. D. João elevou o território a Reino Unido de Portugal e Algarves. Essa medida agradou a população brasileira, que se beneficiou das mudanças, principalmente a região sudeste, que passou a reunir os grupos dominantes. A população do nordeste se sentia privada de todos esses benefícios. Em 1817, parte da sociedade de Recife e Olinda, influenciada pelas ideias da Revolução Francesa, organizou um movimento que ficou conhecido como Revolução Pernambucana, e passou a reivindicar a instituição de uma

república, que logo foi derrubada pela Coroa portuguesa.

Em Portugal, a situação também não era boa. Com a morte da rainha D. Maria, mãe do príncipe regente, D. João foi coroado no Rio de Janeiro e recebeu o título de D. João VI. Em 1818 os portugueses se achavam como um povo sem monarca e, na cidade do Porto, fizeram a Revolução Liberal do Porto, por meio da qual passaram a exigir o retorno do rei para Lisboa e a recolonização do Brasil.

Para conter o movimento, D. João VI voltou para Portugal e deixou seu filho, o príncipe D. Pedro, ocupando o trono. Entre os grupos que eram a favor e os que eram contra a permanência da família real no Brasil havia um interesse comum, a independência.

Para controlar esse anseio pela independência, foi enviada, no dia 9 de janeiro de 1822, uma carta a D. Pedro, o qual tinha passado a defender os interesses dos brasileiros. A carta, vinda das cortes de Lisboa, exigia seu retorno para Portugal. Sua finalidade era retomar a colônia brasileira e os lucros do pacto colonial, tarefa impossível. O príncipe rejeitou o chamado e proclamou: "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.".

Meses depois, tropas portuguesas foram enviadas para forçar o regresso de D. Pedro. Por estar em viagem, um oficial o encontrou voltando de Santos, às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo, e o informou do acontecido, no dia 7 de setembro de 1822. No mesmo momento, D. Pedro declarou a separação definitiva entre Portugal e Brasil. Em 12 de outubro do mesmo ano, o príncipe foi coroado imperador do Brasil e recebeu o título de D. Pedro I. Diferente da América espanhola, que optou pela república, o Brasil se tornou um império.

3.1 Um Estado nacional e uma economia dependente.

O que faz as pessoas irem para as ruas e lutarem por seus direitos políticos? O sentimento de ser brasileiro, de fazer parte de uma nação. É essa identidade que também faz o país parar quando a seleção de futebol verde e amarela está em campo, por exemplo. Mas nem sempre foi assim.

Em 1822, não havia um sentimento de nacionalidade no Brasil. A

independência que instituiu um Estado soberano não contou com a participação do povo, tampouco pensou em abolir a escravidão. Sua maior preocupação era legitimar a nação por meio de uma identidade comum, fazer com que os habitantes das províncias se sentissem brasileiros. A estratégia foi anular as diferenças culturais entre as regiões, determinando um padrão.

Outra dificuldade foi conseguir o reconhecimento internacional da emancipação, que era necessário para que o Brasil não ficasse isolado economicamente. Dom Pedro I enviou diplomatas às principais nações do mundo. O primeiro país a reconhecer o território independente foram os Estados Unidos da América (EUA), em maio de 1824. Em 1825, por intermédio da Inglaterra, houve o reconhecimento português, mediante o pagamento de uma indenização de dois milhões de libras esterlinas, pagas com um empréstimo feito pelo governo inglês ao imperador. O Brasil tinha conseguido sua autonomia política, mas não a econômica.

Em 1823, ocorreram as primeiras eleições para a Assembleia Constituinte, para elaborar a Constituição do Brasil, cujos membros estavam divididos em partidários e adversários de D. Pedro. Os partidários defendiam um governo centralizado e forte, capaz de derrotar as tendências separatistas que se verificavam no começo do império. Já os adversários defendiam o limite de autoridade para o imperador.

Aprovada a lei que limitava os poderes do imperador, D. Pedro I dissolveu a Assembleia, na madrugada do dia 12 de novembro de 1823, por meio da força militar. Esse episódio, conhecido como Noite da Agonia, resultou na prisão e no banimento de vários políticos brasileiros. O imperador encomendou um novo projeto constitucional para uma comissão que trabalhou durante quarenta dias até a conclusão do texto final. Tal documento foi enviado para a análise das câmaras municipais e foi aceito. D. Pedro I, então, informou a nação pelo decreto imperial de 25 de março de 1824.

Se você pensa que a independência resolveu os descontentamentos internos do país, está enganado. A primeira Constituição do Brasil, que claramente conciliava os interesses da elite com o autoritarismo do imperador, contribuiu para alimentar a insatisfação de uma parte da população.

Com a dissolução da Assembleia Constituinte e a excessiva centrali-

zação da Constituição, houve muita insatisfação das lideranças da província de Pernambuco, onde havia um forte sentimento antiportuguês e favorável à república, desde 1817. Foi aí que, em junho de 1824, os revoltosos da província proclamaram a Confederação do Equador, propondo a formação de uma república independente do governo central. E você pensa que parou por aí? O movimento contou com a adesão do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba e Piauí.

No mesmo ano, as forças imperiais dominaram Recife e Olinda (principais centros de resistência), e dois meses depois foi a vez do Ceará. As penas impostas aos revoltosos foram severas e D. Pedro não atendeu aos pedidos para que elas fossem mudadas. Muitos dos rebeldes foram condenados à morte, outros tiveram mais sorte e conseguiram fugir. Mesmo com o fim da Confederação do Equador, a insatisfação contra a centralização do poder na figura do imperador continuava e crescia cada vez mais.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 3

Criada em 1960, a Libertadores é um torneio de futebol da América do Sul, cujo nome faz uma homenagem a algumas personalidades, como Simón Bolívar, San Martín e D. Pedro I.

Explique por que a relação existente entre o nome Libertadores e as personalidades mencionadas (Simón Bolívar, San Martín e D. Pedro I).

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- No início do século XIX, Napoleão Bonaparte ocupou a Espanha e Portugal com as tropas francesas. No reino espanhol, colocou no poder seu irmão, José Bonaparte, o que gerou sérios descontentamentos nas colônias americanas. Influenciados pela Revolução Francesa, os grupos dominantes das colônias, os *criollos*, passaram

a lutar pela liberdade, mas sem que a estrutura social fosse mudada.

- O período de 1810 a 1814 foi de grande conflito. Depois da queda de Napoleão, e com o apoio da Inglaterra e dos Estados Unidos, os colonos impediram que a Espanha recolonizasse a América. O México tornou-se independente em 1821 e teve como líder um *criollo*, separando-se da América do Sul em 1824. No restante da região, destacaram-se dois revolucionários: San Martín e Simón Bolívar, que lutaram pela independência das colônias espanholas.
- Algumas revoltas, como a Conjuração Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798), antecederam a luta por maior liberdade política e econômica. O período de 1808 a 1822 exigiu muitas medidas, como a centralização da administração e a transformação da colônia em capital. Em 1815, o Brasil foi elevado a Reino Unido de Portugal e Algarves, fato que não agradou a população do Nordeste, e gerou a eclosão da Revolução Pernambucana (1817). Em 1822, o príncipe regente, D. Pedro, filho do rei D. João VI, para acabar com as tentativas portuguesas de recolonizar o país, proclamou a independência da colônia, instituindo um império.
- Para legitimar o Estado nacional brasileiro, três medidas foram necessárias: criar um sentimento de nação, impor o reconhecimento da emancipação aos outros países e elaborar uma Constituição. Em Pernambuco, a população não gostou das medidas impostas pelo imperador e proclamou a Confederação do Equador, que propunha a instituição de uma república, contando com as elites de várias regiões do país.

Respostas das Atividades

Atividade 1

Simón Bolívar, San Martín e D. Pedro I foram os principais líderes que instituíram a independência na América do Sul, sendo considerados os libertadores da América.

Exercícios

1. Qual foi o principal ideal da Revolução Francesa que motivou a população das colônias espanholas a defenderem a independência?

2. Qual a posição do grupo social dominante no processo de independência da América espanhola?

3. Explique a importância das Conjurações Mineira e Baiana para o processo de independência do Brasil.

4. Qual era a reivindicação da Revolução Pernambucana?

5. O que motivou a Confederação do Equador?

Respostas dos Exercícios

1. Direitos iguais para todos.
2. Os *criollos* defendiam seus interesses políticos e econômicos, desejando que a estrutura social não fosse alterada durante o processo de independência das colônias na América espanhola.
3. As duas conjurações foram importantes movimentos que tinham como objetivo a emancipação das regiões.
4. A instituição de uma república.
5. O sentimento antilusitano que começou após as resoluções da Os jacobinos tomaram o poder na Convenção e exerceram um governo radical, sob a liderança de Robespierre. Devido às inúmeras mortes e perseguições, a terceira fase da revolução ficaria conhecida como Período do Terror.

CEJA >>
CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

O Brasil imperial

História - Fascículo 6 - Unidade 15

Objetivos de aprendizagem

1. Identificar os motivos que levaram ao fim do Primeiro Reinado e à formação do Período Regencial.
2. Analisar as principais dificuldades enfrentadas pelo país na época do Período Regencial.
3. Identificar as principais características e processos do Segundo Reinado.
4. Compreender o contexto e o processo da Guerra do Paraguai.
5. Identificar as razões que explicam a expansão cafeeira no Brasil.

Para início de conversa...

Observe as imagens abaixo e busque identificar o que elas têm em comum:

Figura 15.1: Desfile cívico de 7 de setembro.
Fonte: http://www.louveira.sp.gov.br/site/painel/dbarquivos/dbimagens/2_0909desfile7desetembro2.jpg

Figura 15.2: Tela *O grito do Ipiranga*, do artista Pedro Américo (1888).
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Independence_of_Brazil_1888.jpg?uselang=pt

Repare nos símbolos, nos trajes, nos gestos presentes nas duas imagens. O que significam? A fotografia da **Figura 15.1** está relaciona-

da ao feriado de Sete de Setembro. Sua escola já participou de algum desfile referente a esse dia? Você considera importante comemorar essa data? O que ela representa? Se sua resposta foi a emancipação do Brasil, você acertou! Mas o que significou esse processo para o Brasil? Vamos descobrir?

Nesta unidade, você conhecerá e refletirá sobre a construção da sociedade brasileira no período imperial, que se consolidou como uma monarquia simultaneamente constitucionalista, absolutista e escravista. Também veremos a formação dos grupos (partidos) e os conflitos gerados nesse período, em que se constituiu uma sociedade agrária, desigual e excludente.

1. Um monarca popular na construção do Estado nacional

Figura 15.3: Dom Pedro I do Brasil e IV de Portugal.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:DpedroI-brasil-full.jpg

D. Pedro I era uma figura popular, e o Sete de Setembro foi comemorado com festas em muitas partes do país. Em sua coroação como imperador, compareceu uma multidão que comemorava seu novo governante, apesar de não participar do processo decisório. Mas nem tudo foi festa. A independência não foi aceita em todo o território e muitas províncias se rebelaram em fidelidade a Portugal. A independência, além de separar o Brasil de Portugal, tinha como função formar um Estado e legitimar a nação por meio de uma identidade comum. O problema é que não havia aqui um sentimento de nacionalidade. Em cada província, as pessoas se sentiam mais como habitantes daquele lugar do que como brasileiros. A tarefa de construir o Estado nacional foi realizada buscando anular as diferenças culturais entre as províncias. As revoltas que marcaram o Brasil imperial demonstram que a unidade nacional foi forjada com grande empenho das elites.

A emancipação custou caro aos cofres da recém-monarquia. Foi necessária a contratação de militares estrangeiros para derrotar os focos de resistência. Também, o reconhecimento do Estado nacional perante as nações estrangeiras envolveu os mais diferentes interesses, inclusive o pagamento de uma indenização a Portugal.

O primeiro país a reconhecer a independência do Brasil foram os Estados Unidos da América, em 1824, pois não queriam a interferência da Europa no continente americano. Portugal só reconheceu a soberania brasileira em 1825, mediante uma indenização de dois milhões de libras (moeda inglesa). Essa negociação foi feita com mediação da Inglaterra, que também fez o empréstimo ao Brasil para pagamento de tal indenização, passando a ter forte influência na economia brasileira. A Inglaterra reconheceu a emancipação exigindo a renovação do Tratado de Comércio e Navegação, por meio do qual era beneficiada com a entrada de seus produtos a baixos impostos.

1.1 Organização política do Estado brasileiro

Livre de Portugal, o Brasil precisava de novas leis e instituições de poder. Na Assembleia Constituinte convocada em 1823, após intenso debate, os deputados aprovaram um projeto constituinte que limitava o poder executivo e fortalecia o poder legislativo. Esse projeto não

agradou o imperador, que mandou fechar o congresso, prendeu e exilou vários políticos. Em seguida, nomeou um conselho de Estado para elaborar uma nova **Carta Magna**, que foi outorgada em 1824. Essa constituição centralizava todo o poder nas mãos do imperador, pois criava um quarto poder que regulava as demais instituições, além de restringir a participação política de uma grande parcela da sociedade. Esse poder foi chamado de Poder Moderador.

Carta Magna
Constituição Nacional, a lei máxima do país.
Outorgar
Consentir, atribuir, autorizar, aprovar ou conferir o direito de executar algo.

Observe o gráfico da distribuição do poder em 1824:

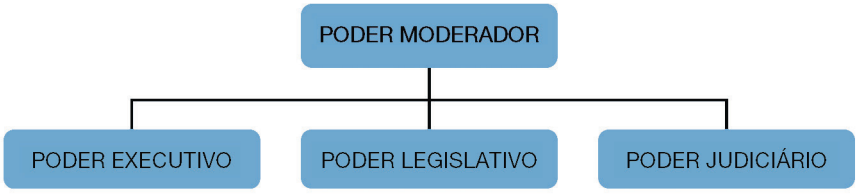

Figura 15.4

Todo esse processo foi estabelecendo um grande descontentamento junto à população e junto à elite brasileira, dando origem à Confederação do Equador. Ela consistiu em uma ação revolucionária contrária ao absolutismo de D. Pedro I e liderada por Paes de Andrade, Frei Caneca e Cipriano Barata, que foram executados de forma violenta pela repressão do movimento. O autoritarismo de D. Pedro I terminou por romper também com a aliança entre a aristocracia rural (fazendeiros) e o imperador, ampliando o desgaste de seu governo. Não suportando a pressão, em 1831, D. Pedro I decidiu abdicar do trono brasileiro em favor de seu filho ainda menor, D. Pedro de Alcântara, iniciando o que ficou conhecido como Período Regencial.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

Observe o gráfico que representa a distribuição de poderes instituída na 1ª Constituição Nacional (1824). Analise sua relação com o desgaste político de D. Pedro I e o fim do 1º Reinado.

Anote as respostas em seu caderno.

2. A unidade ameaçada

Durante a menoridade de D. Pedro de Alcântara, o Brasil foi governado por regentes, ou seja, fez-se um governo provisório que atuava em nome do soberano. O Período Regencial (1831-1840) pode ser dividido da seguinte forma: Regência Trina Provisória, Regência Trina Permanente, Regência Una de Feijó e Regência de Araújo Lima. Foi um momento conturbado de muita disputa política, revoltas escravas e rebeliões em várias partes do país.

Veja os grupos que faziam parte do cenário político da época no quadro a seguir:

Quadro 15.1

Nome	Grupos sociais	Ideais	Líderes
Restauradores	Comerciantes e funcionários portugueses	Retorno de D. Pedro I	José Bonifácio e seus irmãos (Andradas)
Exaltados	Fazendeiros, militares, profissionais liberais, padres	Maior autonomia provincial, menos impostos/república	Bento Gonçalves e Miguel Frias
Moderados	Parte dos fazendeiros, militares, profissionais liberais e parte do clero	Manutenção da monarquia e dos privilégios das elites	Padre Diogo Antônio Feijó e Bernardo Pereira de Vasconcelos

Em várias regiões do Brasil, a maioria da população sofria com as péssimas condições de vida, os altos impostos e a falta de participação política. Esses fatos uniram vários segmentos sociais, como a população pobre, os fazendeiros, índios, negros e mestiços, para combater o governo central. Veja as revoltas que mais se destacaram:

- Cabanagem (1835-1840): a população ribeirinha (os cabanos) da região Norte lutaram por terras e pelo fim da escravidão;
- Farroupilha (1835-1845): os pecuaristas do Sul lutaram por maior autonomia das províncias e por menos impostos;
- Sabinada (1837-1838): liderados pelo Dr. Sabino, na Bahia, exigiam mais autonomia e menos impostos;

- Balaiada (1838-1841): vaqueiros e artesãos rebelaram-se contra o governo local.

Com a morte de D. Pedro I em 1834, o grupo dos restauradores se dissolveu e os exaltados foram derrotados pelos moderados. Contudo, os moderados se dividiram em *liberais* e *conservadores*.

Sem conter as rebeliões, esses grupos políticos perceberam que a unidade do império estava ameaçada. Dessa forma, passaram a defender a coroação de D. Pedro II, forjando sua maioridade. O monarca assumiu o trono em 1840, com apenas 15 anos de idade, processo que ficou conhecido como *golpe da maioridade*.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

Com apoio da seção "A unidade ameaçada", cite as principais dificuldades enfrentadas no Período Regencial.

Anote as respostas em seu caderno.

3. Afirmação do Estado nacional

Figura 15.5: Dom Pedro II aos 13 anos de idade, em 1838.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RetratodompedroIIcrianca.JPG

Coroado, o jovem imperador deu início ao Segundo Reinado no Brasil, e teve que enfrentar grandes desafios. Fundamentalmente, era necessário construir uma unidade e identidade para a nação, o que acabou marcando esse período com transformações políticas, econômicas e sociais.

No âmbito político, foi necessário estabelecer uma nova configuração que acomodasse os interesses das forças liberais e conservadoras, na maioria das vezes motivadas por interesses locais e até pessoais. Dessa forma, o imperador desenvolveu um a política de autoridade, restabelecendo o Poder Moderador e instituindo uma monarquia **parlamentar**. Portanto, a estratégia para conter as tensões foi calcada numa política de conciliação e absolutismo. A primeira buscava conciliar os interesses de liberais e conservadores por meio de favorecimentos e cargos públicos. Já a segunda era exercida através do poder moderador, que dava amplos poderes ao monarca, não só nas escolhas de todo seu ministério, mas de interferência nos poderes legislativo e judiciário. Essa organização fez com que a monarquia

Parlamentarismo
Sistema de governo de caráter representativo, no qual a gestão do Estado é realizada através do poder legislativo, responsável pela formação, orientação e fiscalização do corpo ministerial.

parlamentarista brasileira ficasse conhecida como parlamentarismo **às avessas**.

Às avessas
Contrário, oposto.

Com a garantia de certa estabilidade política, foi possível avançar em termos econômicos, ampliando as exportações agrícolas, expandindo a urbanização e motivando a indústria, a fim de fortalecer e consolidar o Estado nacional brasileiro. Essencialmente agroexportadora, a economia brasileira passou a valorizar a cultura do café, produto muito apreciado no mercado externo. De origem africana, o cultivo foi introduzido no Brasil no final do século XVIII, e no século XIX elevou o país ao posto de maior produtor de café mundial. Foi na região fluminense do Vale do Paraíba (Sudeste) que o produto se adaptou rapidamente e apresentou bons índices produtivos. No entanto, o centro-oeste paulista, com técnicas mais modernas de plantio, solos férteis e clima favorável, permitiu altos índices de produtividade, levando o declínio das fazendas cafeeiras no Rio de Janeiro.

Esse processo trouxe mudanças na economia nacional, pois impulsionou atividades secundárias ligadas à industrialização, estimulando crescimento e modernização dos centros urbanos. Foram criadas fábricas de beneficiamento do café, que produziam embalagens, sacos, barbantes, entre outros itens; foi necessário também providenciar a melhoria dos meios de transporte, para deslocar e comercializar o produto.

Apesar de a estrutura social ter permanecido inabalada, com a péssima distribuição de terras e de riquezas, o que manteve a economia agrária e o escravismo, foi no Segundo Império que a luta abolicionista ganhou novos rumos, permitindo conquistas e transformações sociais importantes para o Brasil.

Importante

A pressão inglesa deu origem à Lei Eusébio de Queiroz (1850), que proibia o tráfico negreiro no Brasil. A Inglaterra vivia o contexto da Revolução Industrial, e seu objetivo era fomentar as práticas capitalistas e as relações assalariadas de produção. Dessa forma, a mão de obra escrava era vista como potencial mão de obra assalariada, e consequentemente, potenciais consumidores. Esse processo triplicou o valor do escravo no país, mas estimulou o trabalho livre e a imigração europeia junto à sociedade brasileira.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 3

O surto industrial que ocorreu no 2º Reinado é conhecido como Era Mauá, devido à atuação do empresário Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá. Pesquise e escreva os fatores que favoreceram a expansão cafeeira no Brasil, e sua relação com os empreendimentos de Mauá.

Anote as respostas em seu caderno.

3.1 A política externa

A região do rio da Prata sempre foi palco de disputas territoriais, mas durante o século XIX a tensão ficou cada vez mais acirrada. O Brasil, por sua supremacia territorial e pelo apoio da Inglaterra, possuía grande influência comercial e liberdade de navegação nos rios **platinos**. Todavia, a partir da segunda metade do século XIX, o Paraguai, já em franco crescimento, passou a ameaçar a supremacia brasileira durante o governo de Francisco Solano Lopes.

Região platina
Área localizada na América do Sul, formada por três países: Uruguai, Argentina e Paraguai.

Com Solano Lopes no poder, o Paraguai, que já apresentava um crescente desenvolvimento, passou a defender a criação de um "Estado Maior", ou seja, uma ampliação de seu território, que garantisse acesso ao Oceano Atlântico, uma vez que o Paraguai não tem saída para o mar. Por esse motivo, implementou uma política militarista que visava transformar o país numa forte e autônoma nação. Em resposta, Brasil, Argentina e Uruguai organizaram, em 1865, a *Tríplice Aliança*, que declarou guerra ao Paraguai. Após sucessivos combates, em 1870 as forças aliadas saíram vitoriosas com a morte de Solano Lopes. O Paraguai ficou devastado, sua economia destruída e sua população aniquilada: somente um quarto da população sobreviveu, entre idosos, mulheres e crianças.

Como consequência do conflito, a Inglaterra saiu favorecida, pois garantiu sua influência econômica na região, como grande fornecedora de armas e empréstimos para os países da Tríplice Aliança. Já o Brasil foi fortemente abalado, ampliou sua dívida externa, além de perder aproximadamente 40 mil homens em combate.

Importante

Leis abolicionistas

A segunda metade do século XIX foi marcada, entre outras coisas, pelo acirramento da luta dos escravos pela liberdade, e pela mobilização de intelectuais engajados na causa abolicionista. Algumas leis foram aplicadas até que se conseguisse o fim da escravidão em 1888. Veja a seguir:

- 1850 - *Lei Eusébio de Queiroz*: proibia o tráfico, e terminou por triplicar o valor do escravo, tornando o tráfico ainda mais lucrativo;
- 1871 - *Lei do Ventre Livre*: tornava livre todo negro nascido após sua publicação, no entanto, esses indivíduos acabavam trabalhando nos engenhos até atingirem a maioridade, sob a tutela do proprietário de suas mães.
- 1885 - *Lei dos Sexagenários*: liberava os escravos com mais de 65 anos, contudo, poucos chegavam à velhice. Caso o escravo durasse até essa idade, a lei contribuía para seu total abandono por parte de seu proprietário;
- 1888 - *Lei Áurea*: assinada pela princesa Isabel, declarava livres todos os escravos em território nacional.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 4

De acordo com o que você aprendeu na seção "A política externa", responda:

1. Qual a importância da expansão territorial para o Paraguai?
2. Quem saiu beneficiado com o conflito na região?

Anote as respostas em seu caderno.

3.2 A crise do império

No final do século XIX, era evidente o desgaste do império, o que permitiu a difusão das ideias republicanas. No entanto, alguns fatores contribuíram para o acirramento do confronto de interesses, tais como a perda do apoio da aristocracia rural ao império, devido à abolição da escravatura; a insatisfação dos oficiais do Exército, que, com a Guerra do Paraguai, passaram a defender o regime republicano, já vivenciado nos países vizinhos; o confronto com a igreja católica, em função do **padroado** brasileiro; e a consolidação do Partido Republicano Paulista. Tais fatores levaram à proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

Padroado
Regime que submetia a Igreja aos poderes do monarca.

Resumo

- O Primeiro Reinado (1822-1831) foi um período de consolidação da emancipação do Brasil em relação à metrópole portuguesa, sob o predomínio da aristocracia rural e o comando autoritário de D. Pedro I, o que levou a sua derrocada.
- A Regência (1831-1840) foi um período de governo provisório, dada a menoridade de D. Pedro II. Foi marcado por grandes disputas políticas e rebeliões em diferentes regiões do território nacional.
- O Segundo Reinado (1840-1889), sob o comando de D. Pedro II, conquistou certa estabilidade política e econômica graças à política de conciliação e do controle e autoridade do imperador, por meio do Poder Moderador. Foi nesse período que o Brasil se tornou um grande produtor de café, e passou por transformações econômicas incrementadas pelo empreendedor Barão de Mauá.
- A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi um intenso conflito armado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina, Uruguai), em busca da expansão territorial e econômica, que terminou com a destruição da economia paraguaia e a consolidação dos interesses ingleses na região platina.
- A abolição, a perda do apoio dos fazendeiros, a questão religiosa (padroado) e militar foram fatores que levaram ao desgaste do império e, por conseguinte, à proclamação da República.

Respostas das Atividades

Atividade 1

O autoritarismo de D. Pedro terminou por romper com a aliança entre a aristocracia rural e o imperador, ampliando o desgaste de seu governo, envolvido em endividamento, falência econômica e sucessivos escândalos com a imprensa.

Atividade 2

Foi um momento conturbado de muita disputa política, revoltas escravas e rebeliões em várias partes do país. A maioria da população sofria com as péssimas condições de vida, os altos impostos e a falta de participação política, o que levou à união de diferentes segmentos contra o poder central.

Atividade 3

A lucratividade no mercado externo, o clima e solo favorável, além da abundante mão de obra já experiente no cultivo do café foram elementos que favoreceram a expansão cafeeira no Brasil. Esse processo terminou por incentivar atividades secundárias ligadas ao setor industrial, nas quais o Barão de Mauá teve um importante papel, instituindo grandes empreendimentos, como o Banco Mauá, a Companhia de bondes do Jardim Botânico, a Companhia de gás e a Navegação a vapor, a Estrada de Ferro Mauá, a Casa Mauá e Cia, entre outros.

Atividade 4

1. Estabelecer uma saída para o Oceano Atlântico, a fim de escoar e comercializar seus produtos externamente.

2. A Inglaterra garantiu sua influência econômica na região.

Exercícios

1. Com ajuda das palavras no quadro, responda às questões a seguir:

padroado – parlamentarismo às avessas – café – Ministério da Conciliação – Poder Moderador

a) a política, aplicada por D. Pedro II, de conciliação entre as forças políticas através de cargos públicos ficou conhecida como _____.

b) O poder absoluto dos monarcas durante o 1º e o 2º Império foi garantido pelo _____.

c) O _____ se tornou o principal produto econômico durante o 2º Reinado.

d) A Constituição de 1824 garantia a submissão da igreja católica ao Estado por meio da Lei do _____.

e) O Poder Moderador dava amplos poderes ao imperador, por isso o parlamentarismo no Brasil foi chamado de _____.

2. Marque V para verdadeiro e F para falso:

a) Foi necessário que outras nações reconhecessem o Brasil como nação livre.

b) Portugal reconheceu imediatamente a independência do Brasil.

c) Os EUA foram os primeiros a reconhecer a emancipação brasileira.

d) Após a independência o Brasil passou a ser uma monarquia.

3. Marque um X na opção correta:

a) Durante o período regencial, o Brasil teve uma fase tranquila e de prosperidade.

b) A Regência Trina Provisória governou o Brasil até 1840.

c) O período regencial foi a fase de grande autoritarismo de D. Pedro I.

d) O golpe da maioridade do jovem imperador foi planejado e executado durante a fase regencial.

4. Relacione as colunas:

a) Lei Áurea

b) Lei dos Sexagenários

c) Lei Eusébio de Queiroz

d) Lei do Ventre Livre

( ) Não teve muito efeito, uma vez que a maioria não chegava à velhice.

( ) Teve grande pressão da Inglaterra e valorizou o escravo no mercado.

( ) Liberta os filhos dos escravos a partir daquela data.

( ) Emancipou os escravos definitivamente.

5. Leia o fragmento e responda:

"Nada mais parecido com um conservador do que um liberal no poder."

Essa era uma frase comum entre os políticos e ministros do Segundo Reinado. O que ela significa? Qual a relação com a política de conciliação adotada por D. Pedro II?

Respostas dos Exercícios

1. a) Ministério da Conciliação; b) Poder Moderador; c) café; d) padroado; d) parlamentarismo às avessas.
2. V; F; V; V.
3. Letra D.
4. B; C; D; A.
5. Significa que não havia grande diferença de interesses entre liberais e conservadores. Esses interesses eram mediados e orientados pela política implantada por D. Pedro II, formando um gabinete misto conhecido como Ministério da Conciliação.

CEJA >>
CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

Industrialização e imperialismo

História - Fascículo 6 - Unidade 16

Objetivos de aprendizagem

1. Caracterizar a segunda fase da Revolução Industrial.
2. Entender o que significou o imperialismo nos continentes africano e asiático com o advento da segunda fase da Revolução Industrial.

Para início de conversa...

Você já viu ou ouviu falar na história do Tarzan? Deve estar se perguntando: o que isso tem a ver com a industrialização e com o imperialismo? Pois bem, Tarzan é um personagem criado pela imaginação do escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs que ganhou as bancas de revistas no início do século XX, conquistando grande sucesso. Posteriormente virou desenho animado e filme. Mas afinal quem era o Tarzan? Filho de uma família aristocrata inglesa, Tarzan foi abandonado junto de seus pais numa colônia inglesa na África após uma revolta no navio em que estavam. Seus pais morrem e Tarzan acabou sendo criado pelos macacos numa selva africana.

Figura 16.1: Cartazes do filme *O retorno de Tarzan*, dirigido por Harry Revier (1920).
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Revenge_of_Tarzan.jpg?uselang=pt

Até aqui uma história sem pé nem cabeça, não é mesmo? Sim, improvável, fruto da imaginação do autor. Filho de ingleses, mesmo órfão e privado do contato com outros seres humanos, ele consegue superar todas as adversidades da vida selvagem, chegando a se tornar um líder dos macacos. Consegue até mesmo aprender a ler e escrever sozinho ao encontrar alguns livros numa cabana onde os pais tinham vivido.

Qual é a ideia por trás desse personagem? A história de Tarzan reflete uma visão de "superioridade" do homem branco europeu diante dos africanos, "superioridade" essa que seria determinada pelos genes, pela ascendência, ou seja, trata-se de um determinismo biológico.

Vamos, agora, conectar as coisas! Os europeus se enxergavam, naturalmente, superiores a todos os povos, julgando que tinham a missão de levar tudo o que entendiam como progresso e civilização aos povos que viam como atrasados, incivilizados. Camuflado nesse discurso estavam os reais objetivos imperialistas: garantir matéria-prima para a produção industrial, mercados consumidores para seus produtos industrializados, explorar a mão de obra barata e resolver o problema do excedente populacional.

1. A todo vapor!

A partir da segunda metade do século XIX (1850), os países da Europa, Estados Unidos e Japão viviam os resultados da Segunda Revolução Industrial. Usando novas tecnologias e fontes de energia, as indústrias produziam cada vez mais artigos para consumo.

Figura 16.2: Locomotiva a vapor.

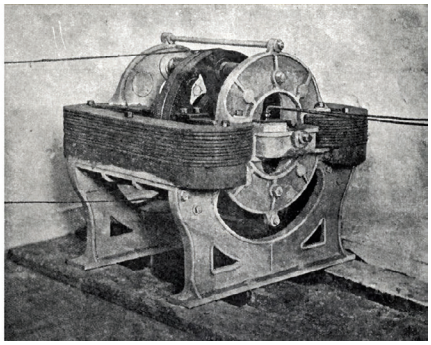

Figura 16.3: Dínamo construído em 1855.

Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Oebb298205.jpg https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hjorth_dynamo_1855.JPG?uselang=pt

Curiosidades

Petróleo e eletricidade

O uso do petróleo como combustível só se iniciou a partir de 1859, quando foi perfurado o primeiro poço de extração na Pensilvânia, Estados Unidos. "E a invenção do dínamo? Aliás, o que é isso?" – você deve estar se perguntando. O dínamo é uma máquina capaz de transformar energia mecânica em energia elétrica. Com isso, o uso de carvão como combustível nas locomotivas e fábricas pôde ser parcialmente substituído por eletricidade.

Quando se produz uma variedade de produtos e em grande quantidade, a etapa seguinte é o comércio, ou seja, vender os produtos para que, aí então, se possa reinvestir o dinheiro em mais matéria-prima, mais produção, e por aí vai...

Vamos pensar na situação da Europa à época! Os países industrializados, as chamadas potências capitalistas, estavam produzindo a todo vapor, mas o mercado consumidor europeu não conseguia comprar tanta mercadoria assim. O que fazer? A solução foi buscar novos mercados consumidores, ou seja, países para que aqueles produtos fossem vendidos. Quanto mais se fabricam produtos, mais matéria-prima é necessária, logo era necessário obter matéria-prima em outros países.

As coisas mudavam de forma acelerada ao ritmo da produção industrial. A ciência avançava, chegando à cura de algumas doenças que provocavam altos níveis de mortandade, e isso contribuiu para um aumento da expectativa de vida. Por outro lado, numa Europa cada vez mais urbana e industrial, muitos trabalhadores eram substituídos por máquinas, levando-os ao desemprego. Muita gente e pouco emprego, isso não é tão distante da nossa realidade não é mesmo? O resultado era o aumento da miséria, da violência e da instabilidade social.

Curiosidades

O Brasil recebe parte do excedente populacional

Milhões de europeus emigraram para diversos países de outros continentes entre os séculos XIX e XX. Alemães, italianos, espanhóis, entre outros povos, desembarcaram no Brasil em busca de emprego e melhores condições de vida. Parece estranho, tendo em vista que atualmente são os brasileiros que buscam o inverso? Sim, mas, por exemplo, São Paulo atraiu um grande número desses emigrantes europeus devido às oportunidades de emprego nas indústrias e nas fazendas de café. Por isso ainda hoje existem bairros com grande presença de descendentes italianos, como a Mooca e o Bixiga, por exemplo.

Para que se atendesse a todas essas necessidades e se garantisse o lucro dos grandes industriais e banqueiros dos países capitalistas, teve início a corrida imperialista, ou neocolonialista, sobretudo, rumo à África e à Ásia.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

Engarrafamentos quilométricos, poluição, problemas respiratórios, estresse. Você consegue enxergar alguma relação entre esses problemas urbanos e os resultados da 2ª Revolução Industrial? Justifique sua resposta.

Anote as respostas em seu caderno.

2. Vamos invadir sua casa!

Para obter matéria-prima para a produção industrial, mercados consumidores de seus produtos, explorar mão de obra barata e acomodar parte de seu excedente populacional, as potências europeias deram início a uma corrida por colônias, fato que ficou conhecido como imperialismo ou neocolonialismo (para diferenciar do colonialismo que houve entre os séculos XVI e XVIII).

Mas o que os fazia pensar que tinham o direito de explorar as riquezas de outros povos, sua mão de obra, enfim, de "invadir a casa dos outros"? Lembra da história do Tarzan? Agora preste atenção ao discurso do ministro francês Jules Ferry (1832-1893): "As raças superiores têm um direito perante as raças inferiores. Há para elas um direito porque há um dever para elas. As raças superiores têm o dever de civilizar as inferiores [...]".

Possivelmente o autor de Tarzan foi influenciado pelas mesmas ideias que o ministro francês, baseadas na teoria que ficou conhecida como *darwinismo social*. Segundo essa teoria, as raças humanas, tal e qual as outras espécies, passam por uma longa evolução, resultando numa seleção natural em que só as mais aptas sobrevivem. Diante disso, as guerras são inevitáveis e os mais fortes, ou seja, as "raças superiores" vencem. Essas teorias racistas eram consideradas científicas, tidas como verdadeiras, logo serviam para justificar a dominação imperialista sob a propaganda de uma *missão civilizadora*.

2.1 Tá dominado!

Por volta de 1880, cerca de 10% do território africano estava ocupado pelos europeus; já em 1900, aproximadamente 90% da África estava sob alguma forma de domínio europeia. Por meio da guerra e de acordos diplomáticos, negociando com os chefes locais ou substituindo-os por funcionários de seu governo, os imperialistas dominaram praticamente todo o continente africano.

Figura 16.4: Caricatura *O colosso de Rhodes.*
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Punch_Rhodes_Colossus.png?uselang=pt

Na **Figura 16.4**, o homem que pisa nas duas extremidades do continente é um dos ícones do império britânico, Cecil John Rhodes (1853-1902). Insaciável explorador, foi um dos homens mais ricos na África, o rei dos diamantes. Sua companhia de comércio contribuiu para impor o domínio inglês sobre vastas regiões do continente africano (atuais Botswana, Zimbábue, Zâmbia, e Malaui).

Sem dúvidas, o império colonial britânico era um dos maiores, mas eles não estavam sozinhos: franceses, belgas, portugueses, alemães e espanhóis também tinham seus domínios coloniais na África.

Se lembra do ministro francês e de seu discurso racista? Esse mesmo ministro, Jules Ferry, e outros chefes de Estado europeus se reuniram na Conferência de Berlim (1885) para repartir o território africano segundo seus interesses, fixando fronteiras artificiais, separando povos de culturas semelhantes e misturando em um mesmo território outros de costumes e línguas diferentes, o que alimentou as rivalidades e conflitos entre os africanos. Era a *partilha da África*. Veja o mapa a seguir, da **Figura 16.5**.

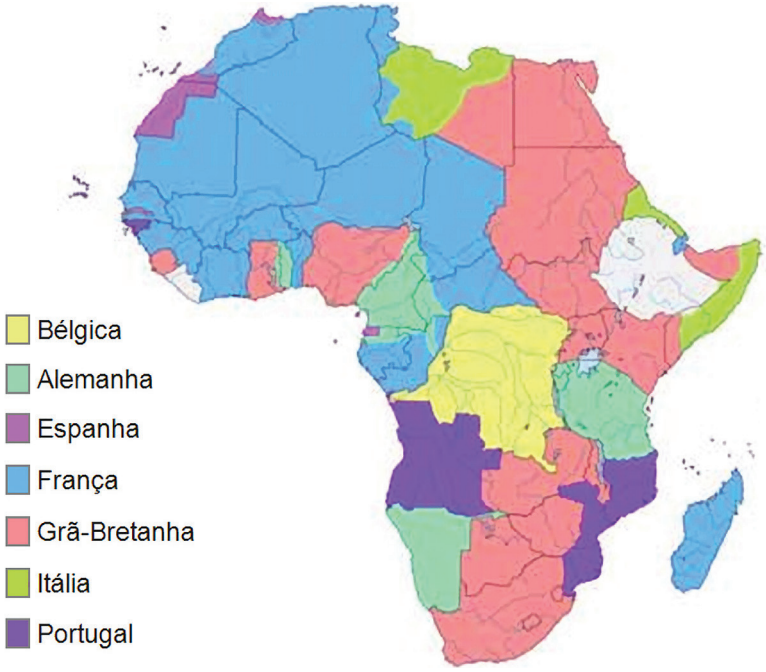

Figura 16.5: A África entre 1885-1919, com a divisão política atual.
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Colonial_Africa_1913_map.svg?uselang=pt

Em benefício dos empresários estrangeiros, boa parte das riquezas naturais foi sugada do continente africano: ouro, diamantes (se lembra do "rei dos diamantes", Cecil John Rhodes?), marfim (o que levou ao quase total extermínio dos elefantes), além de petróleo e muitos outros minérios que ainda hoje são retirados em grande quantidade das terras africanas por companhias estrangeiras.

Os territórios da Ásia e da Oceania também não escaparam das garras imperialistas. Desde os tempos em que os portugueses começaram a explorar o comércio de especiarias vindas da Índia, o continente asiático interessava aos europeus. As estratégias de dominação e a violência também foram usadas na partilha da Ásia, mas por lá não eram apenas os europeus entre os imperialistas: Estados Unidos e Japão também entraram nessa corrida.

2.2 Aqui não!

Uma África vencida e dominada, até então é o que parece, não é mesmo? Acontece que não foi bem assim, os africanos resistiram. Um desses movimentos de resistência ao domínio imperialista foi a *Revolta de Bambata.* Bambata foi um conflito armado que durou de 1906 a 1908, em que tribos *zulus* do sul da África resistiram à violenta imposição de regras e costumes britânicos na região, além da exploração das riquezas naturais. Ainda que tenham sido submetidos, pela força das armas, à colonização britânica, os zulus não sucumbiram à ocidentalização, mantiveram muito de suas crenças e tradições, que sobrevivem até os dias atuais.

Na Ásia também houve resistência. Na Índia, os abusos das autoridades inglesas levaram a população hindu ao empobrecimento e a crises de fome que mataram cerca de 15 milhões de hindus. Como resposta, teve início em maio de 1857 uma revolta que ficou conhecida como *Revolta dos Cipaios*. Devido à superioridade bélica, fazendo uso de canhões e metralhadoras, os ingleses conseguiram sufocar a revolta.

Na China, entre 1839 e 1842, aconteceu uma guerra contra o imperialismo inglês conhecida como *Guerra do Ópio.* O ópio era uma droga altamente viciante que os ingleses exportavam ilicitamente para a China. Tendo em vista os problemas que essa droga vinha causando aos chineses, o conselheiro do imperador chinês reclamou, em carta, à rainha Vitória (Inglaterra), que se manteve em silêncio, ignorando o pedido para acabar com o comércio do ópio. Revoltados, os chineses decidiram, então, jogar ao mar toneladas de ópio que estavam em navios ingleses num porto chinês. A Inglaterra reagiu e declarou guerra aos chineses, alegando prejuízos à propriedade privada. Depois de vencer a guerra, os ingleses impuseram uma lista de condições e indenizações aos chineses.

3. “Grande amigo”

Figura 16.6: Grafite anti-imperialismo estadunidense num muro em Caracas, Venezuela.
Fonte**:** https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Antiimperialismo_caracas.jpg?uselang=pt

A expressão *América para os americanos* resume bem o que foi o imperialismo estadunidense. Salvaguardar os direitos dos países da América contra as ameaças vindas dos países europeus, esse era o discurso da *Doutrina Monroe*. Anunciada pelo presidente James Monroe em 1823, essa doutrina, na prática, tinha o objetivo de afastar as influências política e econômica das potências europeias e garantir aos EUA o lugar de “grande amigo”. Amigo? Só se for da onça, pois a contrapartida dessas “boas intenções” foram intervenções militares, políticas e a obtenção de vantagens econômicas na relação com os outros países do continente americano.

Até hoje o imperialismo estadunidense se faz presente na América. Para os países alinhados, a diplomacia garante aos EUA acordos políticos e econômicos vantajosos, mas aos que não se alinham, são feitos embargos econômicos e pressões políticas, como é caso da Venezuela e de outras nações.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

De acordo com estudos recentes, a taxa anual de crescimento econômico da África tem sido superior à da média mundial. O continente

africano tem muitas potencialidades, apesar de ainda ser muito marcado pela miséria. Essa miséria em muito se deve à exploração imperialista. Explique como se deu o processo de exploração imperialista na África.

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- A 2ª Revolução Industrial, caracterizada pela utilização de novas tecnologias e fontes de energia, gerou uma enorme produção industrial, assim como uma grande competição por mercados entre as potências capitalistas.
- As teorias racistas tinham status de ciência à época e serviram de justificativa para a dominação imperialista, camuflavando os reais interesses das potências europeias: obtenção de matéria-prima, mercado consumidor, mão de obra barata e alocação de excedente populacional.
- O imperialismo desestruturou política, econômica e culturalmente o continente africano, assim como as regiões asiáticas que estiveram sob o domínio imperialista. Para atender aos desejos de enriquecimento de empresários capitalistas e banqueiros (Cecil Rhodes é um bom exemplo), os continentes africano e asiático foram alvo de uma partilha entre as potências imperialistas.
- Africanos e asiáticos resistiram e, apesar de terem sido derrotados pelas armas, conseguiram manter seus valores culturais.
- Os EUA direcionaram sua política imperialista, em grande medida, para os países do continente americano. Por meio de intervenções militares, acordos políticos e econômicos, eles puseram em prática a Doutrina Monroe, bem definida pela frase *América para os americanos*, ou seja, para os americanos do norte, os próprios EUA.

Respostas das Atividades

Atividade 1

Sim, porque a 2ª Revolução Industrial se caracterizou pelo desenvolvimento de novas tecnologias e pela utilização de novas fontes de energia, como o combustível à base de petróleo. A população das cidades cresceu, assim como a utilização de carros, o que contribuiu para aumento do trânsito, da poluição e, por consequência, das doenças respiratórias e do estresse. Sobre a poluição, ainda há o fato de que se produzia muito e se consumia muito, tendo como resultado o desgaste da natureza e a produção de muito lixo.

Atividade 2

O domínio imperialista na África foi conquistado por meio de guerras, acordos diplomáticos, controlando os chefes locais ou substituindo-os por funcionários das potências imperialistas, explorando rivalidades locais. O discurso era o de levar o progresso e a civilização à África e à Ásia, baseado nas teorias racistas de superioridade do homem branco europeu, mas na prática o que se queria era explorar toda a matéria-prima, as riquezas, a mão de obra e o mercado consumidor. Sem levar em consideração nada além de seus objetivos imperialistas, promoveram muita destruição.

Exercícios

1. "A ideia que acalento representa a solução do problema social: para salvar os 40 milhões de habitantes do Reino Unido de uma mortífera guerra civil, nós, os políticos coloniais, devemos apoderar-nos de novos territórios".

Cecil Rhodes

Com base no texto, é correto afirmar que:

a) Cecil Rhodes defende uma mortífera guerra civil para resolver o problema da superpopulação no Reino Unido.

b) além de encontrar novos mercados para os produtos industriali-

zados, se pretendia enviar o excedente de população para as regiões colonizadas e diminuir a instabilidade social.

c) os políticos coloniais queriam apenas resolver o problema do grande número de desempregados no Reino Unido.

d) Cecil Rhodes defendia uma política de imigração para a Inglaterra.

2. "As raças superiores têm um direito perante as raças inferiores. Há para elas um direito porque há um dever para elas. As raças superiores têm o dever de civilizar as inferiores".

Jules Ferry

Para que serviam essas teorias racistas que se diziam amparadas na ciência?

3. A partilha da África entre os países europeus, no final do século XIX,

a) levou em consideração os interesses dos habitantes das regiões dominadas.

b) respeitou as divisões políticas e as diferenças étnicas existentes no continente.

c) ignorou os laços comerciais, políticos e culturais que ali existiam.

d) promoveu uma grande integração entre as tribos.

4. A substância prejudicava a saúde dos chineses e arruinava famílias inteiras, que se viciavam no consumo da droga. A qual movimento de resistência essa afirmativa está relacionada?

a) Revolta dos Sipaios.

b) Batalha de Omdurman.

c) Revolta de Bambata.

d) Guerra do Ópio.

5. "Por muito simpáticos que nos sejam os Estados Unidos – nação cujo desenvolvimento e progresso todos os povos americanos veem com prazer e orgulho – por muito grandes que sejam estes sentimentos de estima, não há país da América Latina que não repila a ideia de abdicar da sua soberania, absorvido pela proteção norte-americana."

Manoel Bomfim (1868-1932)

Manoel Bomfim está alertando para o perigo

a) do imperialismo europeu.

b) de uma guerra contra os Estados Unidos.

c) da Doutrina Monroe.

d) da política econômica dos países da América Latina.

Respostas dos Exercícios

1. Letra B.
2. Para justificar a colonização da África e da Ásia.
3. Letra C.
4. Letra D
5. Letra C.